



um defeito de cor

Ana Maria Gonçalves

ROMANCE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Fascinante história de uma africana idosa, cega e à beira da morte, que viaja da África para o Brasil em busca do filho perdido há décadas. Ao longo da travessia, ela vai contando sua vida, marcada por mortes, estupros, violência e escravidão. Inserido em um contexto histórico importante na formação do povo brasileiro e narrado de uma maneira original e pungente, na qual os fatos históricos estão imersos no cotidiano e na vida dos personagens, 'Defeitos de cor', de Ana Maria Gonçalves, é um romance histórico, de leitura voraz, que prende a atenção do leitor da primeira à última página.

Ana Maria Gonçalves

um defeito de cor

5ª EDIÇÃO



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2009

Para meus avós,
Nola e Paulo,
Ana e João

*“Quando você segue as pegadas dos mais velhos,
aprende a caminhar como eles”**

Para meus amigos
Luiz Antônio Gravatá, o Gravatá
Maria Elisa Guimarães, a Meg
Millôr Fernandes, o Millôr

*“Amigo é como um vizinho quando Deus está distraído”**

Para os historiadores, escritores, professores, sociólogos, antropólogos etc.,
fontes de inspiração e consulta, citados no final deste livro.

*“Uma chama não perde nada ao acender outra chama”**

*Provérbios africanos

Prólogo

Serendipidades!

"You dorit reach Serendip by plotting a course for it.
You have to set out in good faith for eewhere and lose
Your bearings serendipitously."

John Barth, em *The Last Voyage of Somebody, the Sailor* (Nova York, 1991)

O uso da palavra serendipity apareceu pela primeira vez em 28 de janeiro de 1754, em uma carta de Horace Walpole (filho do ministro, antiquário e escritor Robert Walpole, autor do romance gótico *The Castle of Otranto*). Na carta, Horace Walpole conta ao seu amigo Horace Mann como tinha encontrado por acaso uma valiosa pintura antiga, complementando: "Esta descoberta é quase daquele tipo a que chamarei serendipidade, uma palavra muito expressiva, a qual, como não tenho nada de melhor para lhe dizer, vou passar a explicar. Uma vez li um romance bastante apalermado, chamado *Os três príncipes de Serendip*: enquanto suas altezas viajavam, estavam sempre a fazer descobertas, por acaso e sem sagacidade, de coisas que não estavam a procurar..."

Serendipidade então passou a ser usada para descrever aquela situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados. Ou seja, precisamos ter pelo menos um pouco de conhecimento sobre o que "descobrimos" para que o feliz momento de serendipidade não passe por nós sem que sequer o notemos.

Um defeito de cor é fruto da serendipidade. Ele não só contém uma história, como também é consequência de uma outra história que, depois de pensar bastante, percebi que não posso deixar de contar. Até poderia, mas, além de não estar sendo honesta, também estaria escondendo o que ajuda a fazer deste livro um portador de histórias especiais. A primeira destas histórias aconteceu em janeiro de 2001, dentro de uma livraria. Eu estava na seção de guias de viagem procurando informações detalhadas e ilustradas sobre a cultura, o povo, a história e, principalmente, a música de Cuba.

Separando alguns guias para ver com calma, vários deles, como peças de dominó, caíram da prateleira, e consegui segurar apenas um, antes que fosse ao chão. Era *Bahia de Todos os Santos* —guia de ruas e mistérios, do Jorge Amado. Foi aí que aconteceu a primeira serendipidade. Na época, eu estava cansada de morar em uma cidade grande, cansada da minha profissão, tinha acabado de me separar e queria vida nova, em um lugar novo, fazendo coisas diferentes e, quem sabe, realizando um velho sonho: viver de escrever. Desde o dia em que o livro de Jorge Amado caiu nas minhas mãos, eu sabia que este lugar de ser feliz tinha que ser a Bahia.

Ainda na livraria, de pé diante da prateleira, abri *Bahia de Todos os Santos* e comecei a ler um prólogo chamado "Convite": "E quando a viola gemer nas mãos do seresteiro na rua trepidante da cidade mais agitada, não tenhas, moça, um minuto de indecisão. Atende ao chamado e vem. A Bahia te espera para sua festa cotidiana."

Na hora, tive a sensação de que ele tinha escrito aquelas palavras exatamente para mim, o que foi virando certeza quando continuei correndo os olhos pelo doce e tentador convite. Bahia. A Bahia me esperava e Jorge Amado ainda estava vivo para me apresentar a ela. Num trecho mais

adiante, ele mesmo dizia: "vem e serei teu cicerone." Eu só não tinha ainda a mínima idéia do que fazer na Bahia, mas quando o momento é de serendipidade, as coisas simplesmente acontecem. Foi por isso que, algumas páginas adiante, encontrei o seguinte texto:

"(•••) Do Alufá Licutã, quem conhece o nome, os feitos, o saber, o gesto, a face do homem?"

Comandou a revolta dos negros escravos durante quatro dias e a cidade da Bahia o teve como seu governante quando a nação malê acendeu a aurora da liberdade, rompendo as grilhetas, e empunhou as armas, proclamando a igualdade dos homens. Não sei de história de luta mais bela do que esta do povo malê, nem de revolta reprimida com tamanha violência.

A nação malê não era apenas a mais culta entre quantas forneceram mercadoria humana para o tráfico repugnante, em verdade os escravos provindos dessa nação alcançavam os preços mais altos, sendo não só os mais caros, também os mais disputados. Serviam de professores para os filhos dos colonos, estabeleciam as contas dos senhores, escreviam as cartas das iaíás, intelectualmente estavam bem acima da parca instrução dos lusos condes e barões assinalados e analfabetos ou da malta de bandidos degredados da longínqua colônia. O mais culto dos malês era o Alufá Licutã.

Levantaram-se os escravos, dominaram e ocuparam a cidade. Logo derrotados pelo número de soldados e pela força das armas, a ordem dos senhores furiosos foi matar todos os membros da nação malê, sem deixar nenhum. Homens, mulheres e crianças, para exemplo. Ordens executadas com requintes terríveis, para que o exemplo perdurasse. Assim aconteceu. (...) Da revolta e de seu chefe pouco se sabe. No mais, o silêncio. É o caso de se perguntar onde estão os jovens historiadores baianos, alguns de tanta qualidade e coragem intelectual, que não pesquisam a revolta dos malês, não levantam a figura magnífica do chefe? (...) Tema para estudos históricos que venham repor a verdade, redimir a nação condenada, ressuscitar o alufá, retirá-lo da cova funda do esquecimento na qual o enterrou a reação escravagista. Tema para um grande romance..."

Acho que esqueci pelo chão os guias sobre Cuba, encantada com o que tinha acabado de descobrir, porque, apesar de não pertencer à categoria de "jovens historiadores baianos", estava claro que era para mim a provocação sobre escrever o romance. Durante quase um ano, por meio da Internet, de telefonemas para a Bahia, de buscas em livrarias, bibliotecas, sebos, e de material emprestado, pesquisei sobre os malês, escravos muçulmanos, bravos, inteligentes, e que realmente tinham sido banidos da história. Até então eu nunca tinha ouvido falar deles.

Aquele foi também um ano desesperador, porque tudo que eu queria era estar na Bahia, andando pelas ruas por onde os malês tinham andado, entrando nas igrejas onde eles tinham entrado, nadando no mar no qual eles tinham nadado, pois tinha certeza de que, se não estivesse in loco, o livro não sairia. Eu acreditava que alguma coisa no ar da Bahia me faria ouvi-los e senti-los, muito mais do que apenas conhecê-los. Mas não tinha como ir, não tinha dinheiro nem trabalho para me sustentar por lá.

Exatamente um ano depois daquele fortuito encontro com Bahia de Todos os Santos, finalmente fui conhecer Salvador. Para falar a verdade, apenas para poder dizer que já tinha estado lá antes de despachar a mudança. Já havia passado alguns dias em Salvador, procurando lugar para morar, quando resolvi conhecer a Ilha de Itaparica. Saí para caminhar pela Praia do Duro, em

Mar Grande, e fui parar em Gamboa, atraída por um tronco de árvore que se vê de longe, não só pelo tamanho, que é considerável, mas também pelo inusitado de estar "plantado" na areia. Parei para olhá-lo de perto e percebi que um homem também me olhava, sentado no muro de uma casa bem em frente ao tronco.

Ele percebeu meu interesse e se aproximou, contando que estávamos diante do que tinha sido a "Árvore do Amor", nascida ali mesmo, na areia, em condições adversas e transformando aquele trecho da praia em um famoso ponto de encontro dos enamorados da ilha, e por isso o nome. Ali, casais se entregavam ao amor e, talvez estimulados pela natureza, pela sombra frondosa da árvore, pela tranqüilidade e beleza do mar, pela magia da ilha, costumavam ultrapassar os limites do recato dos veranistas que, a partir da década de 1970, invadiram a ilha com magníficas casas à beira-mar. A Árvore do Amor então começou a definhar — dizem que envenenada por uma veranista mais pudica e insensível — até que tombou. Mas tinha resistido bravamente antes de morrer, pois durante anos o tronco ainda deu galhos e folhas, até secar de vez e se tornar o que eu estava vendo.

Apaixonei-me por aquela história, e talvez para que o homem conversasse um pouco mais comigo e contasse outros detalhes sobre a árvore, perguntei se ele não sabia de alguma casa por ali que estivesse para alugar. Qual não foi a minha surpresa quando ele me indicou a casa ao lado, que eu ainda não tinha percebido, mas era linda, escondida atrás de um jardim bem cuidado, abraçada por amplas varandas e iluminada pela claridade que entrava por enormes portas envidraçadas e emolduradas de vermelho. O homem ainda disse que eu poderia falar com o caseiro, que por sinal estava por lá naquela hora. Conheci a casa, que por dentro era ainda mais fascinante, grande para as minhas necessidades, mas perfeita para os meus sonhos de morar em um paraíso onde tivesse tempo e sossego para escrever o livro sobre os malês. Peguei o número do telefone do proprietário, com quem falei várias vezes, até chegarmos a um preço que eu pudesse pagar.

Antes de voltar para Salvador, ainda naquele dia e enquanto esperava a balsa, que sairia aproximadamente uma hora mais tarde, resolvi conhecer a igreja e aproveitar para agradecer a descoberta daquela casa, que eu já considerava minha próxima morada. A igreja era pequena, mas muito bonita e bem cuidada, o que me fez ter vontade de fazer algumas fotos. Mal tirei a câmera da bolsa, apareceu ao meu lado uma menina, que disse adorar fotografias e que estava ali com a mãe, encarregada da limpeza. Ela era simpática e esperta, me acompanhou pela igreja, contando quem eram os santos que estavam nos nichos e a história de cada um deles, e me mostrou os melhores ângulos para as fotos, pedindo depois que eu tirasse uma fotografia dela. Quando eu já ia bater a foto, ela pediu que esperasse e foi chamar a mãe, que estava limpando a sacristia.

A mulher apareceu dizendo que a filha adorava tirar fotografias e que, justamente naquele dia, estava fazendo aniversário; a foto seria um grande presente para ela. Tiramos várias, da menina sozinha, da mãe, das duas juntas, em pé, sentadas nos bancos e na cadeira do padre. Perguntei como eu faria para entregar as fotos, e a mulher me ditou um endereço que achei ser brincadeira, algo como "rua da praça, sétima casa, depois da farmácia". Mas não era, e logo eu também teria um endereço como aquele. Anotei em um papel qualquer e nunca mais me lembrei de onde o guardei, se é que guardei, pois, morando na ilha, eu poderia ir até a igreja pessoalmente.

Voltei para Salvador, onde fiquei mais alguns dias, e depois fui até São Paulo, permanecendo apenas o tempo necessário para arrumar minhas coisas e pegar o avião de volta, em definitivo. Eu me mudei para a Bahia em março de 2002, e durante mais de sete meses fui a feliz moradora da casa de portas e janelas vermelhas, ensolarada e colorida, na Ilha de Itaparica, "Praia de Gamboa, Rua da Praia, s/n, fundos com Rua da Igreja", até que um assalto me fez ficar com medo de continuar morando lá, e me mudei para um flat em Salvador. Mas esta é outra história, e antes dela muitas coisas aconteceram. Nos primeiros dias na ilha, nem pensei em trabalhar; estava tão feliz por morar naquele lugar maravilhoso que passava horas e horas caminhando pelas praias, pelas ruínas, pelos fortes e pelas ilhas vizinhas.

Acho que nunca tinha sido tão feliz, acreditando ter encontrado o meu paraíso na terra. Mais de um mês depois, achei que já era hora de começar a escrever a história dos malês, que, afinal, tinha sido o real motivo da minha mudança. Com idas semanais a Salvador, encontrei muito material para pesquisa. Aliás, comecei a achar que era material demais e a acreditar que muito mais gente, além de mim e antes de mim, tinha aceitado o convite de Jorge Amado e produzido páginas e páginas sobre os malês e as revoluções, coisas que ficavam apenas pela Bahia e não eram divulgadas no resto do país.

Abandonei a idéia de escrever o livro sobre os malês, porque já não havia mais nada de novo a ser contado sobre eles, e escrevi Ao lado e à margem do que sentes por mim. Um romance misturando ficção e autobiografia, que me ajudou a enumerar muitos questionamentos que eu vinha fazendo a respeito do amor, da vida, do passado, do futuro, das escolhas e das imposições. Quando mais da metade desse livro estava pronta, aconteceu o assalto, e percebi que não teria mais tranquilidade para continuar na ilha. Em menos de uma semana eu já estava morando em Salvador, e três meses depois coloquei o ponto final no romance. Foi então que aconteceu a mais feliz das serendipidades.

Como achei que não tinha mais nada para fazer na Bahia, já estava puxando o fio de uma história acontecida em São Luís, no Maranhão, tomando o cuidado de me informar sobre a quantidade de material produzido sobre ela, que era quase nada. Começando a providenciar a mudança, encontrei as fotos tiradas na igreja da ilha, das quais nem me lembrara durante todo aquele tempo. Resolvi aproveitar para passar um fim de semana lá, para me despedir dos amigos e ir até a igreja, ver se encontrava uma das fotografadas, mãe ou filha. No sábado de manhã, encontrei a igreja fechada e, à tarde, estava sendo celebrada uma missa. Quando terminou, não vendo nenhuma das duas, resolvi perguntar por elas a uma senhora que recolhia as velas e os paramentos. Mostrei as fotos e a senhora disse que as conhecia, indicando mais ou menos onde moravam, na praia de Amoreiras.

No domingo de manhã segui para Amoreiras, parando de vez em quando para perguntar e seguindo as indicações que me davam, até chegar a uma casa bastante simples, numa rua estreita, sem calçamento e sem saída. Elas logo se lembraram de mim, a pessoa que tinha tirado as fotos no dia do aniversário da Vanessa; era esse o nome da menina. Dona Clara, a mãe, me convidou para tomar um café e, quando entrei na sala, percebi uma inusitada mesa de centro, com o tampo de vidro sustentado por pilhas e pilhas de papéis e revistas. Elogiei, dizendo que era bom saber que alguém ali gostava muito de ler.

Dona Clara disse que não era bem assim, que usava as revistas para apoiar o vidro da mesa, mas que também serviam para que as crianças recortassem figuras para algum trabalho de escola.

Quanto aos papéis, o filho mais novo, de seis anos, usava-os para desenhar do lado em que ainda não tinham sido usados. Ela chamou o menino, que brincava no quintal, e pediu-lhe que me mostrasse os desenhos que fazia. Ele, Gérson, todo feliz com a platéia, correu para dentro da casa e voltou com folhas e mais folhas de desenhos. Nada de especial, mas olhei com atenção e até elogiei, pois, incentivado, o menino podia até melhorar. Nunca se sabe onde estão escondidos os grandes talentos.

Virando um dos papéis, amarelado pelo tempo e que deixava vaziar a escrita em caneta-tinteiro para o lado dos desenhos, percebi que parecia um documento escrito em português antigo, as letras miúdas e muito bem desenhadas, uma escrita contínua, quase sem fôlego ou pontuação. A leitura daquela folha já estava bastante prejudicada, não só pela interferência do desenho do menino no lado oposto, mas também porque este parecia ter sido feito sobre uma superfície porosa, que bem podia ser o chão de cimento cru da sala, com os traços bastante calcados, fazendo com que a folha se rasgasse em alguns pontos.

Peguei outro papel que tinha um desenho menor e, assim que o vi, a primeira palavra que consegui ler foi "Licutan". Surpresa, perguntei se eles sabiam quem tinha escrito aquilo, ao que dona Clara respondeu que não sabia, e que nem parecia escrito na nossa língua, pois a filha mais velha, a Rosa, que lia muito bem, tinha tentado ler, mas não conseguira. Eu disse que era a nossa língua sim, só que escrita de um modo antigo, e que provavelmente aquele documento era de uma época em que nenhum deles tinha nascido ainda. Dona Clara perguntou se eu conseguia ler e respondi que talvez sim, mas que teria que ser com calma. Perguntei onde ela tinha encontrado tais papéis, que ficavam ainda mais fascinantes à medida que eu ia reconhecendo outros nomes, outras situações e alguns lugares que me remetiam à história dos malês.

Ela então contou que tinha pegado os papéis, junto com algumas revistas, na Igreja do Sacramento, na vila de Itaparica, onde também fazia limpeza. Uma troca de padres levou o padre antigo a pedir que ela se desfizesse de tudo que estava guardado em um quartinho nos fundos da casa paroquial, e com dó de jogar fora, principalmente as revistas cheias de figuras, ela pediu permissão para levar para casa. Quase tinha posto fogo nos papéis, mas se lembrou de que o Gérson vivia procurando papel para desenhar e que, quando não encontrava, desenhava até nas paredes.

Pedi ao Gérson que me mostrasse todos os papéis iguais àqueles que ele ainda tivesse, e era uma quantidade considerável, uma pilha de mais ou menos 30 ou 35 centímetros de altura. Perguntei se eles poderiam me emprestar aquilo tudo, pois eu queria tentar entender o que estava escrito ali, e dona Clara disse que eram meus, que eu nem precisava devolver. Gérson fez cara de protesto, e eu disse que daria a ele uma quantidade ainda maior de papéis, todos novinhos dos dois lados, e ainda canetas, lápis de cor, giz de cera, tintas, pincéis e tudo mais de que ele precisava para fazer muitos desenhos.

O menino riu de orelha a orelha, mas não tanto quanto eu, que tinha certeza de ter encontrado ali muito mais do que ousara procurar. Perguntei a dona Clara quando ela levava aquilo tudo para casa, e ela disse que não tinha nem uma semana, que o padre novo nem tinha chegado ainda. Dei graças por não ter me lembrado de entregar as fotografias antes, porque, nesse caso, aqueles papéis teriam se perdido para sempre, nas costas dos desenhos de Gérson.

Quando fui embora, feliz com o meu tesouro, eles me pediram para voltar quando conseguisse

ler tudo que estava escrito, para contar a história; e eu prometi que sim, que eles seriam os primeiros a saber. Mas voltei muito antes disso, logo no dia seguinte, com os materiais que tinha prometido ao Gérson. Acho que isto aliviou um pouco a minha consciência por estar tirando deles um documento tão importante como aquele. Hoje já não penso mais assim, e foi por isso que resolvi contar aqui como tudo aconteceu.

Acredito que poderia assinar este livro como sendo uma história minha, toda inventada — embora algumas partes sejam mesmo, as que estavam ilegíveis ou nas folhas perdidas, pois dona Clara me contou que Gérson amassava e jogava fora os desenhos dos quais não gostava. Se eu me apropriasse da história, provavelmente a autoria nunca seria contestada, pois ninguém até então sabia da existência dos manuscritos, nem em Itaparica nem alguns historiadores de Salvador para quem os mostrei.

Depois de escrever e revisar este livro, entreguei todos os papéis a uma pessoa que, com certeza, vai saber o que fazer com eles. Mesmo porque esta pode não ser uma simples história, pode não ser a história de uma anônima, mas sim de uma escrava muito especial, alguém de cuja existência não se tem confirmação, pelo menos até o momento em que escrevo esta introdução. Especula-se que ela pode ser apenas uma lenda, inventada pela necessidade que os escravos tinham de acreditar em heróis, ou, no caso, em heroínas, que apareciam para salvá-los da condição desumana em que viviam.

Ou então uma lenda inventada por um filho que tinha lembranças da mãe apenas até os sete anos, idade em que pais e mães são grandes heróis para seus filhos. Ainda mais quando observados por mentes espertas e criativas, como era o caso deste filho do qual estou falando, que nasceu livre, foi vendido ilegalmente como escravo, e mais tarde se tornou um dos principais poetas românticos brasileiros, um dos primeiros maçons e um dos mais notáveis defensores dos escravos e da abolição da escravatura.

Um homem inteligente e batalhador que, tendo nascido de uma negra e de um fidalgo português que nunca o reconheceu como filho, conseguiu se tornar advogado e passou a vida defendendo aqueles que não tiveram a sorte ou as oportunidades que ele tão bem soube aproveitar. O que você vai ler agora talvez seja a história da mãe deste homem respeitado e admirado pelas maiores inteligências de sua época, como Rui Barbosa, Raul Pompéia e Silvio Romero. Mas também pode não ser. E é bom que a dúvida prevaleça até que, pelo estudo do manuscrito, todas as possibilidades sejam descartadas ou confirmadas, levando-se em conta o grande número de coincidências, como nomes, datas e situações. Torço para que seja verdade, para que seja ela própria a pessoa que viveu e relatou quase tudo o que você vai ler neste livro. Não pela história, que não desejo a ninguém, e logo você vai saber por quê.

Bem, agora fique com a história que, conforme prometi, foi contada em primeira mão para dona Clara e sua família, em deliciosas tardes na praia de Amoreiras. Nunca é demais lembrar que tinham desaparecido ou estavam ilegíveis várias folhas do original, e que nem sempre me foi possível entender tudo que estava escrito. Optei por deixar algumas palavras ou expressões em iorubá, língua que acabou sendo falada por muitos escravos, mesmo não sendo a língua nativa deles.

Nestes casos, coloquei a tradução ou a explicação no rodapé. O texto original também é bastante corrido, escrito por quem desejava acompanhar a velocidade do pensamento, sem pontuação e

quebra de linhas ou parágrafos. Para facilitar a leitura, tomei a liberdade de pontuá-lo, dividi-lo em capítulos e, dentro de cada capítulo, em assuntos. Espero que Kehinde aprove o meu trabalho e que eu não tenha inventado nada fora de propósito. Acho que não, pois muitas vezes, durante a transcrição, e principalmente durante a escrita do que não consegui entender, eu a senti soprando palavras no meu ouvido. Coisas da Bahia, nas quais acredita quem quiser...

Boa leitura!

Ana Maria Gonçalves

“As sementes da descoberta flutuam constantemente à nossa volta, mas só lançam raízes nas mentes bem preparadas para recebê-las.”

Joseph Henry

Capítulo um

A borboleta que esbarra em espinhos rasga as próprias asas.

Provérbio africano

Kehinde

Eu nasci em Savalu, reino de Daomé, África, no ano de um mil oitocentos e dez. Portanto, tinha seis anos, quase sete, quando esta história começou. O que aconteceu antes disso não tem importância, pois a vida corria paralela ao destino. O meu nome é Kehinde porque sou uma ibêji, (Ibêji: Assim são chamados os gêmeos entre os povos iorubás), e nasci por último. Minha irmã nasceu primeiro e por isso se chamava Taiwo. Antes tinha nascido o meu irmão Kokumo, e o nome dele significava "não morrerás mais, os deuses te segurarão". O Kokumo era um abiku, (Abiku: "criança nascida para morrer"), como a minha mãe. O nome dela, Dúróorilke, era o mesmo que "fica, tu serás mimada".

A minha avó Dúrójaiyé tinha esse nome porque também era uma abiku, e o nome dela pedia "fica para gozar a vida, nós imploramos". Assim são os abikus, espíritos amigos há mais tempo do que qualquer um de nós pode contar, e que, antes de nascer, combinam entre si que logo voltarão a morrer para se encontrarem novamente no mundo dos espíritos. Alguns abikus tentam nascer na mesma família para permanecerem juntos, embora não se lembrem disto quando estão aqui no iye, na terra, a não ser quando sabem que são abikus. Eles têm nomes especiais que tentam segurá-los vivos por mais tempo, o que às vezes funciona. Mas ninguém foge ao destino, a não ser que Ele queira, porque, quando Ele quer, até água fria é remédio.

A minha avó nasceu em Abomé, a capital do reino de Daomé, ou Dan-home, onde o rei governava da casa assentada sobre as entranhas de Dan. Ela dizia que esta é uma história muito antiga, do tempo em que os homens ainda respeitavam as árvores, quando o rei Abaka foi pedir ao vizinho Dan um pedaço de terra para aumentar o seu reino. Daquela vez, Dan já deu a terra de má vontade, e quando Abaka pediu outro pedaço para construir um castelo,

Dan ficou bravo e respondeu que Abaka podia construir o castelo sobre a sua barriga, pois não daria mais terra alguma. Com raiva da resposta mal-educada, o rei Abaka matou Dan e, sobre as entranhas espalhadas no chão, ergueu um palácio suntuoso, a partir do qual teve início o grande império do povo iorubá. Dan também é o nome da serpente sagrada, mas esta história fica para mais tarde ou para outra pessoa contar quando chegar a hora dela, porque agora preciso falar de um tempo que começou muito depois, quando a perseguição do rei monstro Adandozan obrigou a minha avó a sair de Abomé e se mudar para Savalu.

A minha mãe tinha marido em Abomé, o pai do Kokumo, que se chamava Babatunde, (Baba: significa avó, e Babatunde é um nome dado às crianças que nascem depois da morte do avô, podendo herdar a personalidade dele), e era guerreiro, assim como o pai dele tinha sido, e antes do pai, o avô. O Kokumo teria o mesmo destino se não tivesse morrido antes. O Babatunde era um bom guerreiro e por isso foi nomeado ministro pelo rei do Daomé, indo morar na capital do reino. Ele já era ministro quando se casou com a minha mãe, fazendo dela sua terceira esposa.

Mas como ao longo dos anos a minha mãe só atraiu abikus e o Babatunde precisava de filhos que quisessem viver e se tornar guerreiros como ele, não se importou quando ela foi embora com a minha avó. O que ele não sabia era que a minha mãe estava pejada, (Pejada: grávida), e já

tinha aprendido a enganar abikus. O Kokumo nasceu logo que elas chegaram a Savalu, depois de muitos dias andando pelas estradas rumo ao norte, até saberem que deveriam ficar ao pé de um iroco, (Iroco: árvore sagrada de algumas religiões africanas. No Brasil também é chamada de gameleira-branca ou de "A Grande Árvore" ou "A Árvore Sagrada").

Um dia apareceu o Oluwafemi, "aquele que é amado por Deus", que ajudou a construir a casa e foi homem para a minha mãe. Mas depois que a casa ficou pronta, ele seguiu viagem rumo ao norte, talvez para Natitingou, antes de saber que ela estava novamente pejada, abençoada com ibêjis, eu e a Taiwo. Ibêjis dão boa sorte e riqueza para as famílias em que nascem, e era por isso que a minha mãe podia dançar no mercado de Savalu e ganhar dinheiro. Ela dançava e as pessoas colavam cauris (Cauri: um tipo de concha usado como dinheiro) em sua testa, e quando eu e a Taiwo éramos pequenas, colavam ainda mais, pois a minha mãe dançava com nós duas amarradas ao corpo. Usava panos lindos para segurar eu e a Taiwo bem presas junto a ela, uma na frente e a outra atrás. Ficávamos nos olhando nos olhos e sorrindo por cima do ombro dela, e é por isso que a primeira lembrança que tenho é dos olhos da Taiwo.

Éramos pequenas e apenas os olhos ficavam ao alcance dos olhos, um par de cada lado do ombro da minha mãe, dois pares que pareciam ser apenas meus e que a Taiwo devia pensar que eram apenas dela. Não sei quando descobrimos que éramos duas, pois acho que só tive certeza disto depois que a Taiwo morreu. Ela deve ter morrido sem saber, porque foi só então que a parte que ela tinha na nossa alma ficou somente para mim. Eu senti quando isso começou a acontecer, e foi naquela tarde.

O destino

Sentada sob o iroco, a minha avó fazia um tapete enquanto eu e a Taiwo brincávamos ao lado dela. Ouvimos o barulho das galinhas e logo depois o pio triste de um pássaro escondido entre a folhagem da Grande Árvore, e a minha avó disse que aquilo não era bom sinal. Vimos então cinco homens contornando a Grande Sombra e a minha avó disse que eram guerreiros do rei Adandozan, por causa das marcas que tinham nos rostos. Eu falava iorubá e eve, e eles conversavam em um iorubá um pouco diferente do meu, mas entendi que iam levar as galinhas, em nome do rei.

A minha avó não se mexeu, não disse que concordava nem que discordava, e eu e a Taiwo não tiramos os olhos do chão. Os guerreiros já estavam de partida quando um deles se interessou pelo tapete da minha avó e reconheceu alguns símbolos de Dan. Ele tirou o tapete das mãos dela e começou a chamá-la de feiticeira, enquanto outro guerreiro apontava a lança para o desenho da cobra que engole o próprio rabo que havia, mais sugerida do que desenhada, na parede acima da entrada da nossa casa.

Os guerreiros conversavam depressa e aos gritos, decerto resolvendo o que fazer, enquanto eu e a Taiwo nos demos as mãos, sem entendermos direito o que estava acontecendo. A minha avó se atirou ao chão diante deles, implorando que fossem embora, que levassem tudo o que quisessem levar, que Olorum (Olorum: corresponde à idéia de Deus) os acompanhasse. Eles não a ouviam e falavam de feitiços, de pragas e de Agontimé (Agontimé: uma das rainhas do Daomé, acusada de feiticeira pelo rei Adandozan e vendida como escrava. Uma das principais sacerdotisas do culto a Dan, a serpente sagrada, e a Elegbatá, o orixá da varíola e das pestes). Como se já não houvesse sombra sob o iroco, uma outra sombra ainda mais escura e no formato de asas de um

grande pássaro passou sobre a cabeça da minha avó. Eu já tinha ouvido falar daquele tipo de pássaro, era uma das *lydmis*, uma das sete mulheres-pássaro que quase sempre carregam más notícias.

Atraída pelo barulho, a minha mãe surgiu correndo da beira do rio, onde se banhava acompanhada do Kokumo, que estava pescando. Naquele dia, a minha mãe tinha acabado de voltar do mercado, lavado as pinturas com que enfeitava o corpo e passado *ori* (*Ori*: um tipo de manteiga vegetal usada para proteger e hidratar a pele, e também em alguns rituais religiosos) nele. Eu nunca tinha visto a minha mãe tão bonita.

Ela tinha peitos pequenos, dentes brancos e a pele escura que brilhava ainda mais por causa do *ori*. A minha mãe cuidava dos meus cabelos e dos cabelos da Taiwo como cuidava dos dela, dividindo em muitas partes e prendendo rolinhos enfeitados com fitas coloridas, que comprava no mercado. O Kokumo apareceu correndo atrás dela e foi pego por um dos guerreiros, que o agarrou pela cintura e o levantou, até que ele ficasse com os pés balançando no ar. Outro guerreiro pegou a minha mãe pelos braços e a apertou contra o próprio corpo, e, de imediato, o membro dele começou a crescer. Ele disse que queria se deitar com a minha mãe e ela cuspiu na cara dele.

O Kokumo chutava o ar, querendo se soltar para nos defender, pois tinha sangue guerreiro, e foi o primeiro a ser morto. Um dos guerreiros, que até então tinha ficado apenas olhando e sorrindo, chegou bem perto do Kokumo e enfiou a lança na barriga dele. Eu me lembro do sangue que saiu da boca do meu irmão e espirrou na roupa do guerreiro, e continuou a escorrer mesmo depois que o jogaram no chão, com a cara virada para baixo. O sangue imediatamente formou um riozinho, daqueles turvos e de água espessa, como os que recebem muita água de chuva na cabeceira.

A minha avó continuava deitada na frente de um dos guerreiros, batendo a cabeça no chão e pedindo que fossem embora, mas eles não se importavam. O guerreiro que segurava a minha mãe, o que aos meus olhos era só membro duro e grande, jogou-a no chão e se enfiou dentro da racha dela. Ela chorava e eu olhava assustada, imaginando que devia estar doendo, imaginando que a minha avó, por ser grande, também já tinha feito aquilo e sabia que não era bom, pois ela também chorava e pedia que parassem, perguntando se já não estavam satisfeitos com o que tinham feito ao Kokumo. Eles continuaram fingindo que ela não existia. Na estrada que passava ao lado da nossa casa, algumas pessoas pararam para olhar, mas ninguém se aproximou.

Dois dos guerreiros repararam em mim e na Taiwo. O primeiro pegou uma das mãos dela e apertou em volta do membro dele, e logo foi copiado pelo amigo, que usou a minha mão. Acho que a direita, porque a Taiwo estava sentada à minha esquerda e nem por um momento nos separamos, apertando ainda com mais força as mãos livres. O guerreiro forçava a minha mão contra o membro, que, de início, estava mole, e mexia o corpo para a frente e para trás, fazendo com que ficasse duro e quente. A minha avó chorava encobrindo o rosto, não sei se para esconder as lágrimas ou se para se esconder do que via. Um outro guerreiro se aproximou dela e, com a ponta da lança, sem se importar se estava machucando ou não, descobriu os seus olhos, mandando que ela olhasse o que estava acontecendo, dizendo que a feitiçaria dela nada adiantava contra a força deles.

Eu lembro que o riozinho de sangue que escorreu da boca do Kokumo quase alcançou o tronco do

iroco, e as formigas tiveram que se desviar dele. Elas andavam com as costas carregadas de folhas, e quando chegavam à margem do riozinho, se desviavam e seguiam ao longo dele, com pressa para alcançar o final, cruzar na frente e seguir adiante. Como se acompanhasse a pressa das formigas, o guerreiro acelerava o movimento com o corpo e apertava cada vez mais a minha mão ao redor do membro, enquanto a outra estava amortecida dentro da mão da Taiwo, de tão forte que nos segurávamos, parecendo mesmo uma só pessoa, e não duas. Acho que os guerreiros também perceberam isso e riram, divertidos. A minha mãe ficou quieta, calada, e nem mesmo se mexeu quando outro guerreiro tomou o lugar do que estava dentro dela.

Quase ao mesmo tempo, a minha mão e a da Taiwo ficaram sujas com o líquido pegajoso e esbranquiçado que saiu dos membros dos guerreiros e espirrou longe, quase atingindo o riozinho vermelho-escuro do Kokumo, que, àquela hora, já tinha perdido a força, sem conseguir chegar ao tronco do iroco, embora tivesse ficado mais largo. Percebi que a Taiwo estava observando o mesmo que eu, mas não comentamos nada, nem mesmo apostamos se o riozinho ainda se moveria ou não. Depois de um tempo, os guerreiros se deitaram para descansar, menos o que ainda estava dentro da minha mãe. Todo o resto permaneceu quieto, calado, e até mesmo o bando de pássaros que costumava passar por cima da casa àquela hora, barulhento e fugindo da noite, devia ter se desviado do caminho, como as formigas fizeram com o riozinho de sangue.

Foi então que vi o Kokumo se levantar e começar a cantar e a correr em volta da minha mãe, fazendo festa como se não visse o guerreiro entrando e saindo de dentro dela, com força e cada vez mais rápido. O guerreiro gemia e o Kokumo cantava, e seu canto atraía outras crianças, outros abikis, que apareceram de repente e logo também estavam cantando e formando uma roda junto com ele. Uns surgiram correndo do lado do rio, outros pulando das árvores, outros brotando do chão, e estavam todos alegres ao abraçar o Kokumo, que, junto com eles, começou a rir, a cantar e a brincar de roda, convidando a minha mãe para se divertir também. Enquanto isso, o riozinho tinha parado mesmo de correr e estava ficando com uma cor cada vez mais escura. A minha mãe começou a sorrir e a girar o pescoço de um lado para o outro, acompanhando a brincadeira das crianças. Eu nunca soube se a minha avó pôde vê-las, mas decerto os guerreiros não viram, porque o que estava em cima da minha mãe não gostou da inquietação dela e mandou que parasse. Quanto mais ele falava e dava tapas no rosto dela, mais ela sorria e girava o pescoço, seguindo os abikis. Até que ele se acabou dentro dela, jogou o corpo um pouco para o lado, apanhou a lança e a enfiou sorriso adentro da minha mãe. Ela não parou de sorrir um minuto sequer, e tão logo surgiu um riozinho de sangue escorrendo na direção do riozinho do Kokumo, a minha mãe correu para perto dele e o abraçou.

O guerreiro, que estava saindo de dentro dela, nem percebeu. Eu lembro que, naquela hora, a minha mãe, sempre tão alta, tinha o mesmo tamanho do Kokumo e das outras crianças, que brincavam felizes como se há muito tempo esperassem por aquele momento. Até que viram a minha avó e correram para conversar com ela. Por sorte o guerreiro já não mantinha mais a cabeça dela levantada pela lança. A minha avó olhava para o chão e rezava, chorando a quizomba, como também fez com todos os convites para brincar. Finalmente, as crianças se cansaram e foram embora, sumindo tão de repente como tinham aparecido, levando o Kokumo e a minha mãe sem que eles ao menos tivessem se despedido de mim, da Taiwo e da minha avó.

O riozinho da minha mãe primeiro correu lado a lado com o do Kokumo, depois se juntou a ele e o espichou um pouco mais. As formigas foram obrigadas a dar uma volta maior, subindo pelo tronco do iroco. Quando não consegui mais acompanhar o trajeto delas foi que percebi que já

era noite e eu ainda tinha a mão presa à da Taiwo, nós duas muito quietas, não sabendo que providências tomar. Só então a minha avó se levantou e acendeu uma fogueira, para depois puxar o corpo do Kokumo e colocá-lo dentro dos braços do corpo da minha mãe. Fez aquilo como se estivesse arrumando a casa e escolhendo a melhor posição para um enfeite, mudando tudo de lugar enquanto não achava uma boa ordem para aqueles dois pares de braços e de pernas.

Quando se deu por satisfeita, ela se sentou perto deles, pegou a cabeça da minha mãe, colocou-a sobre o próprio colo e começou a cantar com o mesmo alheamento com que cantava enquanto tecia seus tapetes. Passou o resto da noite embalando a filha e o neto mortos, e a luz do dia a encontrou buscando água no rio para molhar e esfregar os dois corpos. Depois cavou o chão no lugar onde dormiam, enrolou cada corpo em uma esteira e os colocou dentro do buraco. Uma única cova rasa para os dois, que mal deu para abrigá-los e à terra que jogou por cima enquanto cantava, para em seguida se ajoelhar ao lado e rezar por horas e horas. No meio da tarde, reacendeu o fogo no quintal e fez comida, que dividiu em cinco partes iguais: uma para mim, uma para a Taiwo, uma para ela e duas para colocar ao lado da cova. Só então desenrolou sua esteira e dormiu, sem ter dito uma única palavra para mim ou para a Taiwo, sem ter chorado uma só lágrima a mais desde a partida dos guerreiros.

Eu e a Taiwo já estávamos com medo de que ela tivesse morrido também, quando afinal se levantou na manhã seguinte e começou a recolher roupas, panos, um pouco de comida e as estátuas de Xangô, de Nana e dos Ibêjis, colocando tudo em uma trouxa. Ela não disse nada, mas entendemos que devíamos fazer o mesmo e separamos as nossas poucas coisas em duas trouxas pequenas, para que conseguíssemos carregar.

Estávamos cansadas porque tínhamos passado a noite inteira vigiando para que as crianças não voltassem e tentassem levar a nossa avó. Não chegamos a combinar nada, mas tenho certeza de que, caso se aproximassem, assim como eu, a Taiwo trataria de expulsá-las a qualquer custo, mesmo se o Kokumo e a minha mãe estivessem junto, mesmo se tivéssemos que brigar com todos ao mesmo tempo. Só afrouxamos a vigília quando finalmente amanheceu e acreditamos que não apareceriam mais, porque seria mais fácil para eles levarem a minha avó enquanto ela dormia, enquanto mantinha os olhos fechados e não via o quanto eu e a Taiwo precisávamos dela.

Mas ela sabia, pelo jeito como nos olhou enquanto tentávamos equilibrar as trouxas sobre a cabeça, ela sabia. E era por isso que estava nos tirando de lá, pois tinha acontecido algo do qual nunca mais conseguiríamos esquecer. Até aquela hora, desde a hora do destino, nenhuma de nós três tinha falado nada, e foi assim, em silêncio, que pegamos a estrada sem que eu e a Taiwo soubéssemos para onde. Talvez a minha avó já soubesse, ou talvez tenha decidido quando estávamos a caminho.

A viagem

Depois de andarmos até onde nossas forças agüentaram, paramos para comer, e a minha avó disse que estávamos indo para o litoral, para Uidá. Eu não sabia onde ficava Uidá e também não me preocupei em perguntar, pois estava mais interessada na estrada que nos levaria até lá, cheia de gente usando panos, cortes de cabelo, marcas de tribo e pinturas que eu nunca tinha visto antes. A estrada era colorida e as pessoas também, com os corpos cobertos de poeira amarela ou

vermelha, indo de um lado para o outro, tanto para Savalu como para Uidá. Ou melhor, na direção de Savalu ou de Uidá, porque podiam pegar um desvio ou parar no meio do caminho. A maioria das pessoas não usava nada sobre o corpo, e eu reparava nas mulheres e pensava que elas não tinham os peitos tão bonitos quanto os da minha mãe, e nem os homens tinham os membros duros como os dos guerreiros de Adandozan. As crianças iam nas costas das mulheres, e, nas cabeças, elas carregavam raízes de inhame, trouxas, fardos de algodão, tinas de água e muitas outras coisas.

Na maior parte do tempo seguíamos o rio, mas às vezes desviávamos das montanhas sagradas, como as formigas tinham feito primeiro com o riozinho do Kokumo e depois com o riozinho da minha mãe. Mas o rio de verdade era outra cor, cor de barro, e em alguns lugares era verde, muito verde, cheio de plantas. Às vezes era largo, como se tivesse vários outros rios dentro dele, separados por pequenas ilhas de terra ou de mato. As montanhas, de um lado e outro da estrada, e, em alguns pontos, embaixo dela, sob os nossos pés, eram bem altas e nos cansavam bastante.

Talvez por isso, pelo cansaço, quando passávamos por alguns guerreiros permanecíamos deitadas por mais tempo do que o realmente necessário. Fazíamos isso para nos esconder deles, pois podiam ser os mesmos que tinham estado em Savalu. Saíamos da estrada e nos jogávamos atrás de uma árvore, de uma moita ou de uma pedra que pudessem nos proteger, e ficávamos quietas até que a minha avó dissesse que podíamos nos levantar. Eu tinha vontade de perguntar se ela e a Taiwo também fechavam os olhos para ficarem invisíveis. Eu os fechava e tudo desaparecia, como nós também desaparecíamos dentro do escuro das cavernas onde parávamos para dormir. Muitas vezes já havia gente lá dentro, mas sempre se dava um jeito de caber mais. A minha avó estendia um pano no chão e dormíamos as três dentro de uma outra existência qualquer, naquela escuridão, sumidas do mundo para o qual voltávamos quando o sol aparecia.

Acho que os lagartos faziam a mesma coisa, e cheguei a pensar que um deles nos seguiu desde Savalu, pois eram todos muito parecidos. A pele verde ficava colorida quando o sol lambia as costas deles, que estendiam as línguas finas e compridas para lamber o sol também. Nessas horas, erguíam muito as cabeças e mantinham os olhos fixos em qualquer coisa que também olhasse fixamente para eles, depois tombavam o pescoço, ora para um lado, ora para o outro. Mas os olhos continuavam parados, sem se moverem um tanto que fosse, e nem eu nem a Taiwo jogávamos tão bem quando ficávamos amarradas ao corpo da minha mãe, no mercado.

Andávamos devagar e parávamos bastante, e por isso alguns dias se passaram até não vermos mais montanhas, com a estrada se transformando em uma linha riscando a floresta, que, mais adiante, também já não existia mais, substituída por plantações, principalmente de algodão e de palmeiras. O movimento aumentou e as casas já não eram mais solitárias, embora aqueles agrupamentos ainda não pudessem ser chamados de cidades.

Em frente a um desses lugarejos, a minha avó parou para conversar com um canoeiro. Ela deu a ele dois colares de cauris e disse que dali em diante seguiríamos pelo rio. O homem remou o resto da tarde, e, quando ficava cansado, deixava a canoa seguir devagar e sozinha até perder força ou direção. Eram os momentos de que eu mais gostava, pois tinha tempo de olhar bem para as coisas, as pessoas e as paisagens, diferentes de tudo que eu já tinha visto. Quando caiu a noite, o homem disse que não era seguro seguir viagem, mesmo já estando perto, pois à noite não se vêem as armadilhas dos rios, e eles sempre têm muitas.

Atracamos para dormir em um descampado e partimos bem cedo na manhã seguinte, quando a luz do sol começava a dar contornos e colorido às margens do rio, de onde acenavam para nós as mulheres com os peitos de fora e as crianças que pescavam batendo as mãos na água para chamar os peixes, igual ao Kokumo. Todos estavam alegres, menos a minha avó, que parecia ter esquecido de como é que se sorri. Percebi que a Taiwo também estava alegre, tanto quanto eu, mas fingia não estar, pois tínhamos medo ou vergonha, não sei, de que a minha avó nos visse sorrindo.

Sempre que eu me lembrava de segurar o sorriso, lembrava também da minha mãe e do Kokumo, principalmente quando o homem parou a canoa e disse que já estávamos entrando em Uidá, que dali em diante teríamos que seguir a pé. Aconteceu que, ao sair da canoa, molhei os pés no rio e logo em seguida pisei a terra vermelha da estrada, e o barro que se formou tinha a mesma cor dos riozinhos de sangue. Não foi um bom sinal, mas eu não estava preparada para levar a sério recados como aquele.

A estrada era ainda mais interessante e bonita, com tanta gente de um lado para o outro que me pareceu mais movimentada que o mercado de Savalu, mesmo nos dias mais cheios, nos dias de festa. Havia pessoas apenas andando, outras comerciando coisas como obi, (Obi: fruto africano que também é usado como oferenda aos orixás.) omiu, (Omi: água) alua, (Aluá: refresco feito com casca de frutas, principalmente abacaxi e tamarindo, ou arroz fermentado e macerado) acará, (Acará: acarajé) óleo de palma, (Óleo de palma: azeite de dendê) utensílios de casa, panos coloridos e fitas para cabelo. Eu queria uma e sabia que a Taiwo também queria, pois eram fitas muito mais bonitas que as de Savalu. A minha avó parou e comprou peixe cozido. Eu teria preferido a fita, mas comi. Depois ela parou em outra barraca, nos mostrou para a mulher que vendia acarás e ganhamos dois, em nome dos Ibêjis. As pessoas ficam felizes em dar presentes aos ibêjis, pois é uma maneira de agradecer aos espíritos sagrados.

Uidá

Uidá era muito mais interessante que Savalu, e a minha avó segurava as nossas mãos para que não nos perdêssemos. Eu tinha vontade de parar e ficar olhando tudo o que acontecia ao meu redor, as mulheres que andavam com vários colares de contas, as casas que eram maiores do que eu jamais teria imaginado, com cobertura de palha e paredes de barro vazadas por portas muito baixas, e ainda tomavam os dois lados da rua, quase sem nenhum espaço entre elas. Gostei quando chegamos à praça, ao lado do mercado, e ficamos admirando as roupas, as pessoas, muita gente com marcas que nem a minha avó sabia de onde eram. Quase todas as mulheres andavam cobertas, pelo menos da cintura para baixo, e os panos que usavam eram ricos em cores e em bordados com búzios e sementes, que também enfeitavam os diversos colares e pulseiras, e, às vezes, os penteados. Ficamos por lá até a noite chegar, e percebi que a minha avó não sabia muito bem o que fazer ou por onde começar a nossa nova vida em Uidá. O mercado era grande e muito bem dividido, com lugares certos para se comprar cerâmicas, tecidos, frutas, artigos de religião, animais e, principalmente, comida.

Paramos em uma barraca e compramos duas porções de inhame enrolado em folha de bananeira e salpicado com lascas de peixe seco, que dividimos entre nós três, e mais tarde ganhamos dois acarás, de novo por sermos ibêjis. A mulher que nos deu os acarás perguntou se podíamos tomar conta da barraca dela por algumas horas. Estava cansada por ter ficado no mercado o dia inteiro, e a filha que deveria substituí-la durante a noite estava doente. Ela queria

estender a esteira ali mesmo e dormir um pouco, mas para isso precisava de alguém que ficasse de vigia. A minha avó aceitou, pois também seria uma ótima oportunidade para descansarmos da viagem.

A barraca era uma construção feita com vigas de madeira sustentando a cobertura de palha, e alguns caixotes empilhados servindo de paredes baixas em formato de U, que protegiam do vento o fogareiro onde a mulher fritava os bolinhos e o peixe que vendia. Muito melhor do que grande parte das barracas do mercado de Savalu, onde algumas não passavam de um tamborete para o vendedor se sentar e um caixote para apoiar o tabuleiro de mercadorias. As pessoas circulavam procurando os produtos de que precisavam ou assistiam às apresentações de dança, de acrobacias, de música e até de desafios de versos, que eu nunca tinha visto. A minha avó estendeu uma esteira para mim e para a Taiwo dentro da barraca, ao lado da mulher, e dormi pensando em como seria a feira nos dias seguintes, que grandes novidades estariam esperando por nós em Uidá.

Titilayo

Na manhã seguinte, quando uma filha chegou para substituí-la, a dona da barraca disse que podíamos ficar com ela e a família até encontrarmos um lugar só nosso. Ela se chamava "a felicidade eterna", Titilayo, e morava em uma casa perto do mercado, onde ajeitamos as nossas coisas em um comprido corredor ao lado da porta dos fundos, o que para nós também era novidade, pois a nossa casa não tinha divisão alguma e apenas uma porta. Eu e a Taiwo estranhámos o quintal, que era cercado e muito pequeno, se comparado ao nosso em Savalu, e não abrigaria nem a sombra do iroco. Mas a casa, apesar de simples, nos pareceu bastante grande.

Era dividida em três cômodos, todos quartos, separados quase até o teto por grossas divisórias de palha misturada com barro. No primeiro deles, perto da porta que dava para a rua, ficava a esteira da Titilayo e a da sua filha Nilaja com os dois filhos, um menino e uma menina. A filha da Nilaja era quase do mesmo tamanho que eu e a Taiwo e se chamava Aina, pois tinha nascido com o cordão do umbigo enrolado em volta do pescoço. O menino, Akin, era um pouco mais velho e, pelo nome, estava destinado a se tornar um grande guerreiro quando crescesse. Eu me lembrei do Kokumo e do Babatunde, e contei para o Akin que o meu irmão também teria sido um grande guerreiro se não tivesse virado rio. O Akin disse que as pessoas não viram rio e perguntou se eu e a Taiwo já tínhamos visto o mar, que era o maior rio do mundo. Como dissemos que não, ele quase nos arrastou até lá, tamanha era a ansiedade em nos mostrar o que chamava de grande maravilha de Olorum.

Demoramos bastante para chegar até o mar, a pé ou de boléia com um canoeiro conhecido do Akin, através de uma confusa mas bonita mistura de canais, lagoas, pequenas ilhas e bancos de areia. Eu achei que o mar era da cor do pano de Iemanjá que a minha avó tinha em Savalu, só que mais brilhante e mais macio. Tocado pelo vento, o mar ia de um lado para outro, fingia que ia e voltava. A Taiwo sorriu, eu sorri e fiquei com vontade de que a minha avó estivesse junto para sorrir também, se ainda soubesse. Desde a casa, tínhamos passado pela terra vermelha das ruas de Uidá, depois pelo verde do mato baixo ralo que dava chão para as palmeiras, pelos diversos tons dos rios, das lagoas e das ilhotas, e, por fim, pela brancura da areia.

Eu já estava bastante admirada com todas aquelas cores vivas e contrastantes e com o grande

movimento de canoas e outras pequenas embarcações, mas nunca poderia imaginar a beleza do mar. Areia eu já tinha visto, é claro, no fundo dos rios de Savalu, como contei para a Aina e o Akin. Disse também que se alguém juntasse todos os rios de Savalu, e todo o rio de Savalu até Uidá, também dava um mar. Mas depois fiquei em dúvida, porque vi que o mar corria para todos os lados, a perder de vista. Meus novos amigos apenas sorriram, porque não conheciam o rio de Savalu, que de maneira alguma era mais bonito que o mar. Mas quanto a isto eu me calei, não querendo admitir que eles conheciam mais maravilhas do que eu e a Taiwo, que, de início, ficamos com um pouco de medo de entrar na água. Mas ao vermos como a Aina e o Akin estavam se divertindo, não resistimos e percebemos que a água do mar era mais quente que a água do rio. Agora, quando me recordo, sou capaz de reviver cada uma daquelas sensações.

Quando voltamos para casa, a minha avó estava brava, mas a Titilayo sorriu e disse que era bom para uma pessoa ser apresentada ao mar o quanto antes, pois era uma visita à morada de Iemanjá. A minha avó quis argumentar, mas não deu tempo, pois logo em seguida chegou a Nourbesse com a Hanna amarrada às costas. Elas eram a nora e a neta da Titilayo, esposa e filha do Ayodele, filho dela que trabalhava em plantações de algodão distantes de Uidá e só voltava para casa de vez em quando, nos intervalos entre plantação e colheita. Eles dormiam no quarto do meio, e, no outro, dormiam a Meni, a Sanja e a Anele, as três filhas solteiras da Titilayo.

Em seu quarto, a Titilayo tinha uma Oxum com uma racha enorme, um Xangô com seu machado de duas pontas e um Ogum que parecia vigiar, com seus olhos atentos de caçador, uma coleção de ferramentas bem pequenas. Comentei que eram muito bonitas e o Akin disse que tinham sido feitas pelo pai dele antes de ir embora. Lembro-me de que naquele momento invejei bastante o Akin e a Aina, por terem nascido em Uidá e por terem conhecido o pai, que tinha deixado para eles aquelas lindas lembranças. A minha mãe não gostava de falar sobre o nosso pai, meu e da Taiwo; dizia que nem se lembrava mais dele, e eu não tinha coragem de perguntar para a minha avó.

Todos nos receberam muito bem, e na nossa primeira noite na casa teve festa com carne fresca assada na fogueira e muito alua, que a Titilayo vendia no mercado para acompanhar os acarás. Todo mundo dançou, menos a minha avó, que disse estar cansada e foi se deitar. Depois que ela saiu, eu e a Taiwo também dançamos, uma olhando nos olhos da outra, testa contra testa. A Aina e o Akin acharam engraçado e dançaram assim também, enquanto todos sorriam e cantavam, e eu pensei que assim estava bem melhor. A Titilayo era viúva e os filhos dela não tinham mais pai, assim como eu e a Taiwo nunca tivemos pai e também não tínhamos mais mãe, e mesmo assim eles não perderam a vontade de cantar, de dançar e de sorrir.

A Anele era a mais bonita das filhas, a Sanja era a mais bem-vestida e usava sempre uma roupa azul que ia do pescoço até os pés, e a Meni dançava quase tão bem quanto a minha mãe. Era estranho, mas eu me sentia muito à vontade entre eles, como se estivesse na minha casa. Quando eu e a Taiwo fomos nos deitar, a Titilayo colocou uma esteira nova para nós duas, maior do que a que tínhamos em Savalu. A minha avó ainda estava acordada, de joelhos em frente a um altar montado com pedras cobertas por um pano branco, sobre o qual estavam Xangô, Nana e os Ibêjis. Ela olhava para eles como se não estivessem ali, e também não nos ouviu quando pedimos a bênção.

No dia seguinte, a minha avó começou a trabalhar no mercado, ajudando na barraca da Titilayo,

enquanto eu e a Taiwo fomos levadas para conhecer a cidade. As lojas e as casas nos pareceram os palácios descritos pela minha avó, os de Abomé. Eu me lembro de que achei interessantes as lojas, pequenos mercados dentro das casas, que vendiam de tudo um pouco, coisas de comer e de beber, panos, fitas, miniaturas como as que o pai do Akin tinha feito, enfeites, estátuas e muitos outros produtos que o nosso amigo disse serem de um lugar que se chamava estrangeiro e ficava muito longe, depois do mar. Durante muitos dias eu fiquei pensando no mar e, principalmente, no estrangeiro, fazendo planos para conhecê-lo e saber se era mais bonito que Uidá.

Já estávamos em Uidá havia quase duas semanas quando comecei a perceber como o Akin era esperto e inteligente. Ele conhecia quase todos os donos das lojas, pois de vez em quando fazia alguns trabalhos para eles, como limpar o chão, levar recados ou entregar encomendas. Foi dele a idéia de andar comigo e com a Taiwo pelas lojas e pedir presentes em nome dos Ibêjis, qualquer coisa, desde que não fizesse falta, e o único que não deu foi um muçurumim (Muçurumim: muçulmano), dono de uma loja de tecidos, que usava um chapéu que eu achei muito estranho.

Em Savalu, quase toda gente usava chapéu, principalmente nos dias de festa no mercado, e alguns eram muito bonitos, enfeitados com papéis coloridos e fitas. Quando voltamos para casa, foi porque não conseguíamos mais carregar todos os presentes que ganhamos, e a minha avó novamente ficou brava, mas, no fundo, acho que gostou. A Titilayo riu e disse que éramos mais espertos do que ela imaginava, mas que não devíamos fazer aquilo novamente porque os tempos estavam difíceis e as pessoas poderiam não ter o que dar.

Como ninguém gostava de recusar presentes aos Ibêjis, acabavam gastando o que não podiam ou se desfazendo do que precisavam, sem contar que ainda tinham que economizar dinheiro para quando começasse a época das chuvas, em que quase não havia movimento no mercado, nem o que vender ou colher, e faltava trabalho para muita gente. Os rios e lagoas transbordavam, engolindo as terras e os caminhos e dificultando os negócios. O Akin disse que então só pediríamos nas casas dos ricos, dos comerciantes que vendiam gente e moravam do outro lado da cidade. O Ayodele, que tinha voltado dos campos de algodão, avisou que não era para irmos lá de jeito nenhum, pois eles nos colocariam dentro de um navio e nos mandariam como carneiros para o estrangeiro. Eu perguntei o que era navio e ele respondeu que era uma canoa muito grande, bem maior do que a que tinha nos levado de Savalu para Uidá.

Naqueles dias, com tantas descobertas, eu me sentia como se tivesse nascido de novo, em uma outra época, em um lugar muito diferente de tudo que eu pensava existir. O Ayodele conhecia Savalu, pois já tinha ido e voltado de Natitingou, que ficava muitos dias de viagem depois da minha terra, para onde tinha levado alguns estrangeiros que queriam comprar fazendas. Eu gostava do Ayodele, que tinha um nome que significava "a alegria vem para o lar", e ele era assim mesmo, como a mãe, distribuindo alegria a todos quando estava em casa. Principalmente à Nourbesse, que, como ele afirmava, seria sua única esposa. Eu pensei que também ia querer um marido só para mim, ou então ser a primeira esposa. A Titilayo tinha sido a primeira esposa e, quando o marido morreu, ficou com a casa só para ela, pondo as outras mulheres na rua. Ela contava essa história e ria muito, o que em si já era engraçado porque, sendo gorda, a barriga dela não parava de balançar, fazendo todo mundo rir junto, menos a minha avó. A Titilayo dizia que eu e a Taiwo éramos abençoadas e fazia muito gosto em nos receber em sua casa.

Alguns dias mais tarde, a minha avó foi ver o mar. Ela se sentou em um matinho perto da areia e

ficou olhando durante um longo tempo. Eu e as outras crianças entramos na água, a Hanna também, amarrada às costas da Aina. Ela já gostava do mar, a abençoada Hanna que tinha nascido perto daquela beleza toda. Tenho certeza de que o Kokumo também teria gostado demais, pois ele já adorava o rio, que era muito menor e mais feio. Eu também pensava na minha mãe, que poderia ganhar mais dinheiro dançando no mercado de Uidá, freqüentado por mais gente. Muitos brancos iam ao mercado de Uidá, brancos iguais aos que eu tinha visto uma única vez em Savalu.

Os brancos de Uidá não eram apenas viajantes; a maioria morava na cidade ou nas vizinhanças e tinha bastante dinheiro. Era uma grande confusão quando iam às compras, pois todos queriam vender para eles, que não se importavam de pagar o preço pedido, sem negociar. Não andavam sozinhos, levavam sempre alguns pretos carregadores que, mais cedo ou mais tarde, segundo o Akin, virariam carneiros no estrangeiro. Eu olhava para eles e achava que não eram diferentes de nós, que não se pareciam com carneiros, mas o Akin confirmou que, de algum modo que não sabia como, os pretos que iam para o estrangeiro se transformavam em carneiros sim, e eram assados e comidos como carneiros, carne que os brancos muito apreciavam. Estranhei aquela informação e fiquei tentando me lembrar de que cor era Xangô, já que ele também gostava de carneiros, como os que a minha avó sacrificava.

Mas eram carneiros que já tinham nascido assim, como eu mesma tinha visto, e não gente que virava carneiro. O Akin disse que algumas pessoas não viravam, tanto que ele conhecia quem já tinha ido até o estrangeiro e voltado, contando como era longe. Perguntei se havia guerreiros no estrangeiro e ele respondeu que não, nem imagino o porquê, mas me recordei que na hora pensei como teria sido melhor para a minha mãe e para o Kokumo terem vivido no estrangeiro, longe dos guerreiros do Adandozan e onde talvez nem fossem abikus.

O Akin perguntou se eu e a Taiwo queríamos ser esposas dele e nós dissemos que sim, e como a Taiwo tinha nascido primeiro, ela seria a primeira esposa. Eu, que queria um marido só para mim, não me importei de ser a segunda esposa, desde que fosse por ela, talvez por causa daquilo que já falei, de pensar em nós duas como se fôssemos uma só. A Aina disse que se o Kokumo não tivesse morrido, ela ia querer ser esposa dele, e então poderíamos morar todos juntos, na mesma casa. Tenho boas recordações daquele tempo, quando tudo era novo, todos os momentos eram felizes e eu nem sequer imaginava o que ainda estava para acontecer.

A morada

Já tinham se passado muitos dias desde a nossa chegada, e como estávamos gostando bastante, a minha avó resolveu procurar um lugar para morarmos. Ficamos felizes quando soubemos da vaga em uma casa de cômodos na rua em que A Titilayo morava, um pouco mais perto do mercado. Era uma construção comprida, na verdade duas construções, uma de frente para a outra e separadas por um quintal, que servia de cozinha para as mulheres e onde as crianças brincavam e os homens se perdiam em conversas sob a sombra de alguma árvore. De cada lado do quintal havia cinco cômodos, e ficamos com um cômodo do meio, muito maior do que o corredor em que morávamos na casa da Titilayo. Tinha espaço para as três esteiras, mais o altar de Xangô, da Nana e dos Ibêjis, e ainda uma mesa e duas cadeiras que o Ayodele conseguiu com um amigo que sabia fabricá-las como as do estrangeiro e que nos custaram quatro colares de cauris, dos médios. Ainda me lembro do valor porque foi uma grande extravagância, mas uma pequena alegria que a minha avó resolveu se dar.

Ela tinha medo de que o dinheiro não desse para pagar o aluguel, mas a Titilayo disse para ter fé porque, além de vender fumo, obi e acará no mercado, ela também poderia dançar, exercendo um direito que tinha sido da minha mãe, e passado para ela quando se tornou responsável por nós. Ela concordou, achando que não ia ganhar muito dinheiro porque já estava velha e feia, mas, precisando, seria de grande ajuda. E se mesmo assim não desse, em último caso eu e a Taiwo ainda poderíamos pedir prendas em nome dos Ibêjis. Por medo, respeito ou agrado, os comerciantes sempre haveriam de dar, mas este último caso nunca chegou a acontecer.

No dia em que nos mudamos para o cômodo, a Titilayo organizou uma grande festa, com tambor e gente para cantar, com acará, obi, alua, vinho de palma, mandioca e peixe seco assado com farinha, além de muitos doces. Só da casa da Titilayo foram dez pessoas, porque a Meni estava noiva de um igbo (Igbo: nome de uma tribo e seu povo, da atual Nigéria) que, como o nome dizia e a Titilayo confirmou, era "bom de coração", o ùbioma. Ele dançava engraçado, dava piruetas no ar e fazia todo mundo rir, e mais ainda quando o Ayodele tentava imitá-lo e caía no chão. Todos os que moravam nos outros cômodos também compareceram e levaram mais comida e mais bebida, e, atraídas pelo barulho da festa, muitas pessoas ficaram olhando da rua, aproveitando a música para fazer um baile em frente à casa de cômodos.

Alguns nos deram presentes, que entregaram para a minha avó desejando boa sorte. Um homem alto e vestido com roupa de branco, que morava no cômodo à direita do nosso, segurou as mãos da minha avó e disse algo como "ó mãe abençoada que vem do norte como a lufada do vento que traz a fartura, que sejas duas vezes abençoada, mãe de mãe de ibêjis, que o fogo de Xangô queime as impurezas dos seus caminhos e que nunca lhe falte na mesa o óleo de palma e o sal, que dão tempero à vida, nem a doçura do mel e nem a pureza da água, nem a ti e nem aos seus", e muitas outras coisas bonitas que depois a Titilayo disse se chamarem orikís (Orikís: verso ou orações que saudavam pessoas, feitos, animais e as divindades). Foi naquele dia que eu e a Taiwo ganhamos presentes das filhas da Titilayo, duas fitas para cabelo e dois panos que pareciam vestidos, tudo azul, da cor do véu de Iemanjá, que usamos na manhã seguinte para passear pelo mercado.

A chegada

O mercado estava quase vazio, porque as pessoas tinham ido para perto do forte português depois de ouvirem que um navio acabara de chegar do estrangeiro. Eu e a Taiwo também fomos até lá, mas ela queria voltar para casa, com medo de que nos perdêssemos ou fôssemos capturadas, pois havia muita gente ao nosso redor, inclusive alguns brancos. Mas eu quis ficar, e então ela disse que nunca me deixaria sozinha. Na verdade, o que eu queria era que as pessoas vissem as nossas roupas novas; se voltássemos para casa, a minha avó nos faria tirá-las, temendo que estragassem. Todos que gostavam de ibêjis olhavam e sorriam para nós, e pensar que o Kokumo e a minha mãe também sorririam se estivessem conosco me fazia muito feliz. E mais feliz ainda porque Uidá era uma cidade bonita e as pessoas eram boas, como a Titilayo e a família dela, que nos receberam como amigos de longa data. E também havia a casa nova, com três esteiras novas, mesa, cadeiras e até um quadro na parede, com o desenho de um coração onde estava escrito Ekuñ Dayo (Ekuñ Dayo: "Transforma duelo em alegria"), presente do Ayo dele.

Primeiro aportaram duas canoas cheias de caixas e baús muito grandes e bonitos, e logo em seguida mais duas, carregando baús menores e um branco cada uma. Eram figuras interessantes, com roupas que não deixavam ver parte alguma do corpo e usando chapéus que envolviam toda

a cabeça e se arredondavam para todos os lados, enfeitados com enormes penas coloridas. Quando as canoas deles se aproximaram, pretos que estavam em terra entraram na água levando duas cadeiras que pareciam o trono do rei que eu tinha visto em um desenho, em Savalu.

Certa vez passou por lá um andarilho que fazia desenhos das pessoas, deixando todos espantados com a semelhança, a pessoa e o desenho tão parecidos como se fossem ibêjis, como se fossem eu e a Taiwo. Entre os desenhos havia o de uma cadeira que o andarilho disse ser de um rei, mas que não era colorida como aquelas, embora eu tivesse achado que deveria ser. O desenho era apenas preto, feito com carvão, mas imaginei as cores, e elas eram parecidas com as cores das cadeiras nas quais os brancos se sentaram e foram erguidos acima das cabeças dos pretos, acima das águas.

Quando os brancos chegaram em terra, as pessoas que estavam por perto se ajoelharam e começaram a bater com a testa no chão, dando a entender que eles eram muito importantes. Alguns homens saíram correndo e gritando de dentro do forte, pretos que usavam roupas simples de brancos, e formaram duas fileiras, uma de frente para a outra, desde a porta do forte até o lugar onde as cadeiras foram colocadas. Os dois brancos só se levantaram quando um homem surgiu para recebê-los, saindo do forte anunciado por uma banda de tambores e clarinetas e saudado com loas.

Tocavam uma música que eu me lembro de ter achado quase tão bonita quanto o mar, que tinha a cor mais bonita que o pano de Iemanjá. Sei que é difícil comparar sons e cores, mas, aos meus olhos e ouvidos, eram apenas duas belezas, só isso, uma quase tão bonita quanto a outra. Aquela foi a primeira vez que vi o Chachá, o comandante do forte que tanto me impressionou, quase branco de tão majestoso, seguido por muitos escravos, músicos, cantores, bufões e uma guarda formada por mulheres. Ao som da música que ficava cada vez mais alta e bonita, ele caminhou pela praia sob um pára-sol erguido por dois pretos. Eu sabia o que significava um pára-sol, a minha avó já tinha caminhado sob um deles com a rainha Agontimé, em Abomé, e só os grandes chefes ou soberanos podiam usá-los, assim como a alguns tipos de bengala.

Depois que se cumprimentaram, protegidos pela sombra do pára-sol, o Chachá e os brancos caminhavam para o forte quando eu disse à Taiwo que queria chegar mais perto para vê-los melhor. Eu deveria ter ouvido a Taiwo, que não queria ir, mas peguei a mão dela e fui puxando, abrindo caminho por entre as pernas dos que estavam de pé e por cima dos ombros dos que estavam ajoelhados, até chegarmos bem perto do cortejo. Foi então que um dos brancos parou de caminhar e olhou para nós, e logo todos ao redor fizeram o mesmo. Ele apontou para nós e falou qualquer coisa ao ouvido do Chachá, e imediatamente um dos seus pretos já estava nos segurando pelos braços, antes mesmo de pensarmos em sair correndo.

Eu e a Taiwo gritamos e tentamos fugir, mas ele era muito mais forte do que qualquer tentativa, e ninguém nos defendeu. Fomos então levadas para o forte e colocadas dentro de um barracão muito grande, onde já havia várias pessoas sentadas ou deitadas pelo chão. Quando entramos, quase ninguém olhou para nós, demonstrando pouco interesse pelo que estava acontecendo, como se aquela situação fosse normal. O guarda nos empurrou para dentro e ficou parado na porta com a lança em posição que poderia ser tanto de ataque como de defesa, e apontou um canto onde estavam as mulheres. Antes de sair, disse a elas para cuidarem muito bem de nós duas porque éramos ibêjis, para presente.

A captura

Em uma mistura de iorubá e achanti, uma das mulheres perguntou se estávamos sozinhas, eu respondi que sim, e que morávamos em Uidá mesmo. Ela então quis saber se tínhamos família e eu contei sobre a minha avó. Quando soube que éramos apenas nós três, ela disse que era melhor assim, pois deixaríamos uma só pessoa chorando por nós, confirmando que seríamos mandadas para o estrangeiro, que muitos deles já estavam ali havia vários dias, como ela, esperando para embarcar.

Todos os dias chegava mais gente capturada em muitos lugares da África, falando línguas diferentes e dando várias versões sobre o nosso destino. Perguntei onde ficava o estrangeiro e ela não sabia, mas outra mulher que estava por perto disse que era em Meca. Ela e alguns outros que nos mostrou, dizendo serem muçurumins, estavam todos indo para Meca, e deveríamos nos alegrar por Meca ser uma terra sagrada e feliz, para onde todos tinham que ir pelo menos uma vez na vida, cumprindo as obrigações com Alá. Como eu não sabia quem era Alá, ela disse que é o todo-poderoso, o que tudo vê, o que tudo pode, o que tudo sabe, o que nunca se engana.

A muçurumim se chamava Aja e estava acompanhada da irmã, Jamila, e do Issa, marido das duas, que estava no meio dos homens. Eles pareciam felizes e tinham chegado ao forte no dia anterior. A Tanisha, a mulher com quem eu tinha conversado primeiro, disse que não, que havia um grande engano, que tinha sido aprisionada junto com o marido e o filho, e estávamos todos sendo levados para o estrangeiro, que até poderia ser Meca, pois não sabia onde ficava, mas era para virarmos carneiros dos brancos, pois eles gostavam da nossa carne e iam nos sacrificar.

As duas mulheres iniciaram uma discussão e logo todas as outras já estavam falando ao mesmo tempo. Não éramos muitas, um pouco mais que os meus dedos e os da Taiwo, que era como eu sabia contar na época. A grande maioria era de homens, quase todos jovens. A Tanisha explicou que os lançados (Lançados: ou tangomaus: homens que se embrenhavam África adentro para capturar ou enganar os futuros escravos, a maioria era de estrangeiros, mas também havia africanos entre eles, muitos dos quais eram ex-escravos), tinham matado todos os velhos e as crianças, alguns pelo caminho e outros logo ao chegarem ao barracão, e que a Aja ainda não tinha visto nada disso por ter chegado havia pouco tempo.

Disse também que, às vezes, alguns guardas batiam muito em todos, talvez para amaciar a carne. Os brancos não gostavam de carne de crianças e de velhos, e nós, eu e a Taiwo, só tínhamos sido escolhidas porque éramos ibêjis e dávamos sorte. Eu e a Taiwo estávamos bastante assustadas, e ela começou a chorar e a dizer que queria a nossa avó, mas a Tanisha não se importou e continuou falando coisas horríveis, parando apenas quando os muçurumins se levantaram, viraram todos na mesma direção e começaram a rezar, segurando um colar de contas.

Depois de correrem os dedos por um certo número de contas, eles se ajoelharam e inclinaram o corpo para a frente, encostando a testa no chão, para depois se levantarem e repetirem tudo muitas vezes. Só depois que eles terminaram foi que a Aja e a Jamila começaram a fazer a mesma coisa, e então reparei nos panos com que cobriam a cabeça e nos vestidos que iam até os pés. Eram bonitos, e elas me disseram depois que era um traje de festa e de grandes ocasiões, como visitar a terra sagrada.

Eu queria que o Kokumo e a minha mãe, estivessem por perto, porque talvez eles soubessem o

que fazer, ou pelo menos em quem acreditar, já que eu não sabia.

Tanto a Tanisha quanto a Aja pareciam ter muita certeza do que diziam, mas, em qualquer das hipóteses, eu estava muito preocupada com a minha avó, que não sabia onde estávamos. Se soubesse, ela poderia falar com o Ayodele, que conhecia muitos estrangeiros e talvez até conhecesse o Chachá, que a Tanisha disse ter o poder de mandar prender e mandar soltar quem bem entendesse. Não perguntei como ela sabia de tudo aquilo, mas desconfio que tivesse ouvido nas conversas dos lançados, pois disse também que o Chachá nos trocava por armas, fumo, pólvora e bebidas, e que eu e a Taiwo, se não fôssemos ibêjis e para presente, não seríamos trocadas porque éramos pequenas e valíamos pouco. Por isso eles tinham deixado os outros filhos dela em Oyó, os três menores, e pegado apenas o marido, Amari, e o filho mais velho, que se chamava Daren porque tinha nascido à noite.

Somente quando entraram alguns guardas, distribuindo feijão, farinha, inhame e tinas de água que passavam de mão em mão, foi que percebi como estava com fome. Nem todos ganharam, como alguns homens que estavam amarrados a um canto, de castigo por terem brigado. Primeiro, brigaram entre si, e a Tanisha não soube dizer o motivo porque eles falavam uma língua que ela não conhecia, e quando os guardas tentaram separar a briga, avançaram em cima deles.

Mesmo quem antes estava quieto entrou na briga, e só não participaram os muito cansados por terem chegado havia pouco tempo, às vezes caminhando desde muito longe, e os que ainda não tinham sido desamarrados. E nem as mulheres. Mas logo apareceram mais guardas, que conseguiram controlar a briga e levar seus companheiros para fora, alguns bem machucados, outros provavelmente mortos. Entre os pretos havia mortos com certeza, pois lutaram com homens armados e deixaram no armazém o cheiro que reconheci, cheiro de sangue, o mesmo do riozinho do Kokumo e da minha mãe.

O vestido novo da Taiwo estava sujo de terra e, quando perguntei, ela disse que o meu também estava. Mesmo assim, continuávamos as mais limpas entre todos os prisioneiros, muito mais ainda do que os que estavam de castigo. Alguns deles estavam amarrados por uma só corda que prendia os pulsos aos tornozelos, o que fazia com que mantivessem as pernas dobradas e as cabeças enfiadas entre os joelhos.

A Tanisha disse que, desde a briga, três deles haviam morrido e ainda não tinham sido retirados, estavam em um canto, cobertos com uma antiga vela de navio, e que logo o cheiro começaria a incomodar ainda mais. Como se já não incomodasse, como se fosse possível respirar bem naquele ambiente onde, sabe-se lá há quanto tempo, acumulavam-se os cheiros de urina e de merda, que venciam facilmente a terra jogada por cima do buraco cavado no chão quando precisávamos fazer as necessidades.

Era noite, dava para perceber a falta de claridade por entre a palha do teto, quando a porta se abriu e entraram mais capturados, todos homens. Aquela altura eu já achava que a Tanisha estava certa, que éramos mesmo prisioneiros e que seríamos trocados por mercadorias do estrangeiro. Mercadorias vendidas nos mercados de Uidá e, quem sabe, até no de Savalu, e que provavelmente nós mesmos já tínhamos comprado quando outras pessoas foram trocadas.

Os novos prisioneiros chegaram amarrados uns aos outros pelos pés e pelo pescoço, vigiados por

guardas que carregavam lanças em uma das mãos e tochas acesas na outra. O lugar já estava bastante cheio e quase não havia espaço para eles, mesmo porque muitos estavam deitados, dormindo. Para que se sentassem e dessem lugar para mais pessoas, foram cutucados com lança e com fogo, e quando parecia que iam reagir por causa do susto, foram contidos a pontapés e com ameaças de queimadura de verdade. A lança, a Tanisha disse que só usariam em último caso, para se defenderem, porque poderia matar e o Chachá não gostava de perder mercadoria, o que significava perder dinheiro.

Alguns guardas tinham um pano amarrado por cima do nariz e gritaram que éramos uns porcos, que merecíamos o destino que nos seria dado pelos dois brancos que entraram logo em seguida, os mesmos que eu tinha visto na praia. Eles mandaram que os guardas fossem na frente, iluminando com as tochas, e seguiram passando os olhos sobre nossas cabeças, como se estivessem contando. O que nos tinha escolhido não nos reconheceu, e fiquei com medo de que não nos quisesse mais para presente, que tivesse mudado de idéia e nós também virássemos carneiros. Eu sentia muita vontade de chorar, mas não queria amedrontar ou entristecer a Taiwo ainda mais.

Quando os homens saíram, a Tanisha nos abraçou e disse que logo partiríamos. Os muçurumins se alegraram e viraram todos na mesma direção, repetindo juntos e inúmeras vezes uma única palavra, que não consegui entender. A Tanisha chorava e, encostada no peito dela, que era magro igual ao da minha avó, eu pensei em Xangô, em Nana, em Iemanjá e nos Ibêjis, pedindo que estivessem sempre conosco, e mesmo quando fôssemos embora dali, que fossem junto.

Acho que foi a primeira vez que os senti. Abracei a Taiwo e coloquei a cabeça dela sobre os peitos de Nana, e fiquei com os de Iemanjá. Xangô sentou-se ao nosso lado e passou a mão sobre nós, abençoando, e os Ibêjis cantaram até que conseguíssemos dormir. Foi como cachaça, não como felicidade, mas sentimos uma quentura por dentro do corpo abrandando a tristeza.

Era o que dava para sentir, porque, mesmo se tivéssemos ayo (Ayo: alegria, em iorubá), em nossos nomes, como a Titilayo e o Ayodele, não ficaríamos felizes pensando que nunca mais veríamos a nossa avó, nem a esteira nova, nem a casa nova, nem a estátua dos Ibêjis, da qual não era bom que eu e a Taiwo nos afastássemos, pois eles nos protegiam.

O reencontro

No início do terceiro dia, um pouco antes do horário em que distribuíamos um mingau ralo de farinha e água, a porta foi aberta e vimos que do lado de fora havia muito mais guardas que de costume. Os muçurumins começaram a rezar, a Tanisha voltou a chorar, eu e a Taiwo nos demos as mãos como se, de novo, nunca tivéssemos sido duas dividindo a mesma alma. Disseram que o tumbeiro já estava preparado e que embarcaríamos naquele momento, as mulheres primeiro.

Nenhuma palavra sobre as crianças, o que me preocupou mais ainda, pois decerto tinham se esquecido de nós, os ibêjis para presente. Deram as ordens em várias línguas para que todos pudessem entender, e também na língua que eu já tinha percebido ser a que eles mais gostavam, a das lanças e dos chicotes cantando na pele dos que se demoravam deitados ou sentados, ou porque ainda tinham sono, ou estavam doentes, ou se sentiam cansados e fracos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Defeito de Cor"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).